

de SOL a SOL

elenco de colaboradores:

Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto Lima, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Alver Costa, António Sérgio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Branco Chaves, Eduardo Biaga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alves, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Cirne, João Alberto, João de Barros, João Falco, José Régio, Julião Quintinha, Lufr de Sanjusto, Lygia, Mando Martins, Manuel Filipe, Manuel Inácio de Faria, Maria Aurea, Maria Raquel, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha dos Santos, Vitorino Nemésio, etc

Protestos!

Há palavras que fazem carreira, exactamente como alguns homens fazem fortuna. não se sabe porquê nem de que modo. O *Senhor* — dito de cabeça vergada — por exemplo, vem do fundo dos séculos; e o *Cidadão* da Revolução Francesa num frémito de terror galgou fronteiras, atravessou mares, reboou pelos continentes. Nas cartas de amor o *almas gêmeas* é lugar comum; e os *luares argênteos* dos poetas são famosos. Pois, agora, ao vocabulário consagrado um novo vocábulo há que juntar: *Protesto!* Um *protesto!* enorme e retumbante, escrito no papel setinoso e timbrado das chancelarias. A França protesta. A Alemanha protesta. Protesta a Inglaterra e a Rússia, os Estados Unidos da América e a China. (A Etiópia protestou mas há mais tempo.) Tudo inútil, porém: a cada protesto joga-se uma gargalhada. Entretanto o verbo medonho incha, e demasiado crescido já para caber numa folha de papel diplomático, começa a encher os peitos e as bôças. E talvez amanhã o cavalheiro sovoado na rua envie ao inimigo feroz, no seu melhor cartão, esta palavra escrita na sua letra mais fina: *Protesto!*

«A Voz», e... a defesa da nação

O diário católico «A Voz» atravessa, parece, um período económico pouco tranquilizador. Daí o comovido apêlo — cheira bastante a anúncio — que um pôsto emissor de T. S. F. português vem lançando através dos espaços para que os amigos, assinantes e leitores do referido órgão — nunca empregamos termo com mais propriedade — acudam, todos à uma, a amparar sua marcha hesitante de velho doutras eras. Certamente não estranhámos que brados destes sejam atirados aos quatro pontos, e menos que uma legião amorável, transbordando amor pelo próximo, ocorra diligente em socorro dum moribundo. Há, porém, que o homenzinho do pôsto emissor em questão termina invariavelmente a sua arenga com esta frase dúbia: «Auxiliar A Voz é defender a fé, a família e a nação». Ora, sabido que as nações quando ameaçadas — e não é o caso da nossa — são os exércitos quem as defende, somos, ouvindo isto, forçosamente empurrados para dois dilemas, ambos terríveis. Primeiro: o exército luso é insuficiente para defender os brios pátrios; segundo: «A Voz», no desejo de acudir a essa insuficiência, passa de jornal a fortim, não sendo pois de maravilhar que daqui a dias a vejamos, depois de sondados os horizontes, estender o braço paternal num largo gesto de confiança, e clamar: «Nação amada, dorme agora, dorme, que eu velo».

A lição da Exposição de Paris

Por certo que a *Exposição das Artes e das Técnicas* aberta em Paris não nos dá uma só lição. Elas são muitas, nesse mostruário das melhores actividades, onde tudo do saber humano se concentra numa apoteose à grandiosidade do esforço e à altitude atin-

gida pelo génio duma época. Certamente outra vez vai dizer-se como Faria de Vasconcelos um dia o disse, na admiração pela abertura do canal de Panamá: *Confio no homem!* Em Paris, na Exposição franqueada aos olhos dum mundo que de si desconfia, está, pois, o índice claro da potência dos povos.

A melhor lição, entre as múltiplas que lá se colhem, é, sem dúvida, o salutar otimismo que há de desprender-se, como fluido das coisas, a afirmar a confiança em nós, no nosso valor na beleza dos nossos empreendimentos. Os homens triunfam, o seu trabalho afirma-se e através das notícias que chegam de Paris vamos alargando o espírito em suave contentamento: o de saber dum certamen, espelho da grandiosidade colectiva que, no meio da aflicção geral, a França generosa mostrou ao mundo tonto que se desconhece.

A paz pela cultura

Recebemos o boletim-circular n.º 2 da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*. Consideramos o esforço das mulheres que à obra de pacificação dos povos dedicam o seu entusiasmo o mais nobre e generoso dos empenhos. Numa época que parece encamiuhar-se para o desconcerto e o desvario tem uma grandeza e uma sublimidade quasi trágicas, pelo que há nisso de solidão, de abandonado, a prègação apostólica que se faz da harmonia entre os povos que são levados, por que terríveis fatalismos!, à destruição de suas vidas e de suas civilizações, no que estas têm de mais fundamental. Esse boletim denota muita dedicação pela causa da paz, e é afirmativo da tenacidade de quem, como as mulheres que dirigem a A. F. P., compreende ser necessário radicar, pela cultura, no ânimo dos povos, ideias de inteligência e cooperação para aquilo que a todos interessa: e é a vida.

Técnica e moral

Partindo do principio de que os progressos de ordem técnica influem decisivamente no aspecto material da vida humana, é de esperar, por consequência, uma modificação igualmente decisiva nas tendências morais dos homens, porque a um progresso outro se seguirá, na fatalidade cronométrica dos fenómenos. Não é difícil verificar (e isto é uma afirmação comensinha) que ao evoluir histórico das condições do trabalho humano se modificava a moralidade e a justiça nas relações das gentes. Ora a nossa época é a era das mais grandiosas realizações do engenho humano, tanto nas investigações da ciência como nas reformas da filosofia e como, ainda, nos aperfeiçoamentos constantes dos recursos técnicos. Isto terá uma influencia capital — é evidente — nos conceitos morais, porque, se a ciência investiga, nos traz parcelas de verdade, se a filosofia relaciona e concerta, nos dá soberbo espectáculo de harmonia espiritual e, se a técnica aproveita e edifica, nos oferece pão e tranquilidade a todos.

SOL
nascente

Quinzenário cultural
de literatura e crítica

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 15 de Setembro de 1937. — Ano primeiro. — Número quinze



ASSINATURAS
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Série de 5 números, 5 ESCUDOS